

# Apostila de Sociologia

## 1º ANO

### 4. Estratificação e desigualdade

**Prof. Renato Fialho**

Aluna(o): \_\_\_\_\_

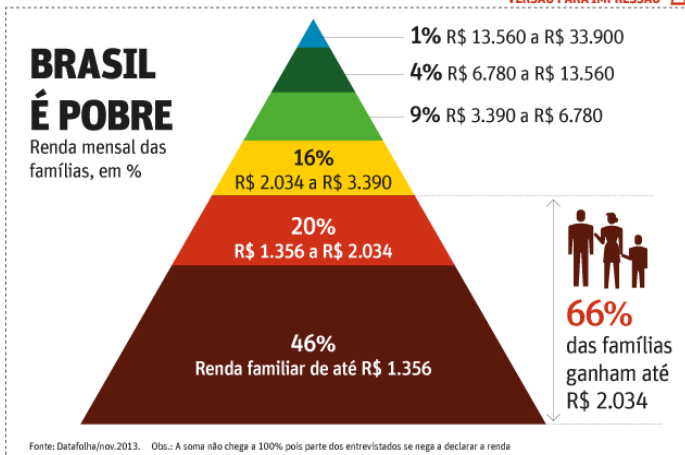
Turma: \_\_\_\_\_

**"Os povos de todo o mundo sofrem hoje os efeitos do agravamento de uma profunda crise do capitalismo, na qual seus agentes (bancos, transnacionais, conglomerados midiáticos, instituições internacionais e governos servis) buscam potencializar seus lucros às custas de uma política intervencionista e neocolonialista. Guerras, ocupações militares, tratados neoliberais de livre comércio e 'medidas de austeridade' expressas em pacotes econômicos que privatizam estatais, arrocham salários, reduzem direitos, multiplicam o desemprego e assaltam os recursos naturais. Tais políticas atingem com intensidade os países mais ricos do Norte, aumentam as migrações, os deslocamentos forçados, os despejos, o endividamento e as desigualdades sociais."**

(FSM. Trecho extraído da Declaração da Assembléia dos Movimentos Sociais Porto Alegre (RS), Brasil - 31/01/12. Fonte: <http://www.cadtm.org/Declaracao-da-Assembleia-dos,7533>.)

# AS ESTATÍSTICAS NOS ALERTAM SOBRE A DESIGUALDADE!

VERSÃO PARA IMPRESSÃO



## Mortes decorrentes de intervenções policiais - análise dos microdados

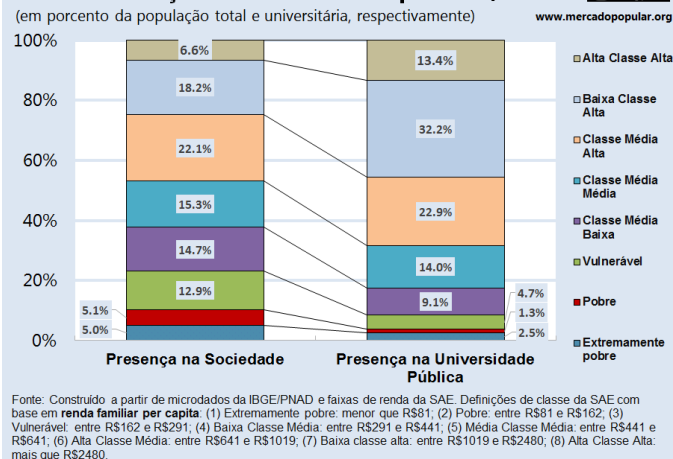
Sexo	Número absoluto	% com NI	% válido
Feminino	42	0,7	0,7
Masculino	5.769	97,8	99,3
NI	85	1,4	-
<b>Totais</b>	<b>5.896</b>	<b>N=5.896</b>	<b>N=5.811</b>

Faixa etária	Número absoluto	% com NI	% válido
12 a 17 anos	532	9,0	16,6
18 a 29 anos	2.091	35,5	65,2
30 a 39 anos	464	7,9	14,5
40 a 49 anos	86	1,5	2,7
Mais de 50 anos	36	0,6	1,1
NI	2.687	45,6	-
<b>Totais</b>	<b>5.896</b>	<b>N=5.896</b>	<b>N=3.209</b>

Raça/Cor	Número absoluto	% com NI	% válido
Branco	963	16,3	22,6
Negros (pretos + pardos)	3.240	55,0	76,2
Outros	51	0,9	1,2
NI	1.642	27,8	-
<b>Totais</b>	<b>5.896</b>	<b>N=5.896</b>	<b>N=4.254</b>

Fonte: Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2017

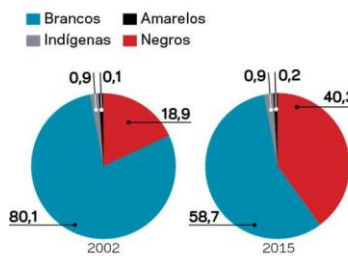
## Brasil: Presença em universidades públicas, 2013



## O Brasil depois das cotas:

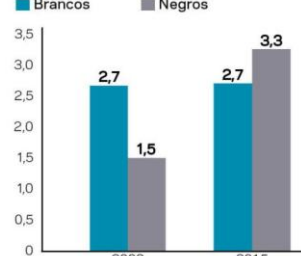
### MAIS ACESSO À UNIVERSIDADE

População de 18 a 24 anos no ensino superior, em %



### CURVA INVERSA

População de 15 a 17 anos no ensino médio, em milhões



## A miséria lutando com o miserê:

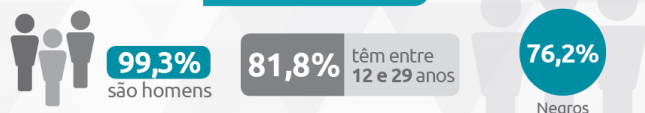
### LETALIDADE DAS POLÍCIAS

**4.222** pessoas mortas em decorrências de intervenções de policiais Cívicas e Militares

Crescimento de **25,8%** em relação a 2015

**21.892** pessoas perderam suas vidas em ações policiais entre 2009 e 2016

### Perfil dessas pessoas

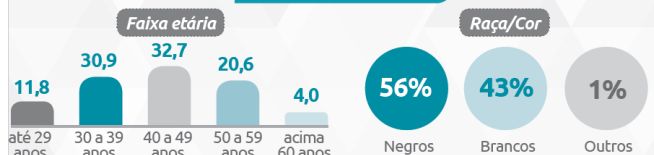


### VITIMIZAÇÃO POLICIAL

**453** policiais Cívicas e Militares foram vítimas de homicídio em 2016

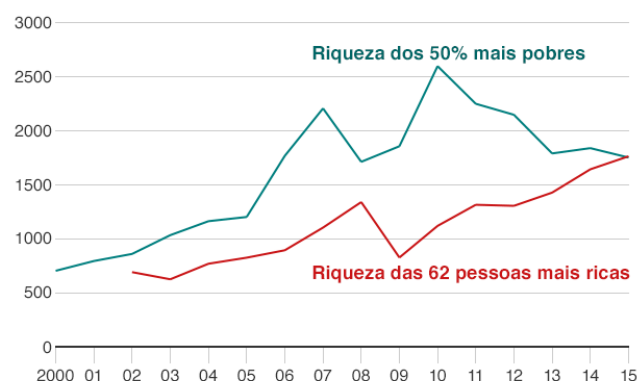
Crescimento de **23,1%** em relação a 2015

### Quem é esse policial?



## As 62 pessoas mais ricas do mundo possuem mais riqueza do que os 50% mais pobres

Riqueza total em bilhões de dólares



Fonte: Oxfam/Forbes

BBC

# "Especuladores devem ser julgados pela fome", diz Ziegler

O sociólogo suíço Jean Ziegler, ex-relator especial para o Direito à Alimentação das Nações Unidas (ONU), denunciou que a fome é um dos principais problemas da humanidade, em um debate nesta segunda-feira (13/5) em São Paulo.

"O direito à alimentação é o direito fundamental mais brutalmente violado. A fome é o que mais mata no planeta. A cada ano, 70 milhões de pessoas morrem. Destas, 18 milhões morrem de fome. A cada 5 segundos, uma criança no mundo morre de fome", disse Ziegler.

Na década de 1950, 60 milhões de pessoas passavam fome. Atualmente, mais de um bilhão. "O planeta nas condições atuais poderia alimentar 12 bilhões de pessoas, de acordo com estudo da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO). Não há escassez de alimentos. O problema da fome é o acesso à alimentação. Portanto, quando uma criança morre de fome ela é assassinada".

Ziegler afirma que é a primeira vez que a humanidade tem condições efetivas de atender às necessidades básicas de todos. Depois do fim da Guerra Fria, mais especificamente em 1991, a produção capitalista aumentou muito, chegando a dobrar em 2002. Ao mesmo tempo, essa produção seguiu um processo de monopolização das riquezas. Hoje, 52,8% do Produto Interno Bruto (PIB) mundial está nas mãos de empresas multinacionais.

A concentração da riqueza nas mãos de algumas empresas faz com que os capitalistas tenham uma grande força política. "O poder político dessas empresas foge ao controle social. 85% dos alimentos de base negociados no mundo são controlados por 10 empresas. Elas decidem cada dia quem vai morrer de fome e quem vai comer", diz Ziegler.

O sociólogo relatou que essas empresas seguem blindadas pela tese neoliberal de que o mercado não deve ser regulado pelo Estado.

"Na Guatemala, 63% da terra está concentrada em 1,6% dos produtores. A primeira reivindicação que fiz, após a missão, foi a realização da Reforma Agrária no país. Fui rechaçado, pois uma intervenção no mercado não é possível. Não havia sequer um cadastro de terras lá: quando os latifundiários querem aumentar suas terras, mandam pistoleiros atacar a população maia que vive ao redor".

**Especulação** - A especulação financeira dos alimentos nas bolsas de valores é um dos principais fatores para o crescimento dos preços da cesta básica nos últimos dois anos, dificultando o acesso aos alimentos e causando a fome. De acordo com o Banco Mundial, 1,2 bilhão de pessoas encontram-se em extrema pobreza hoje, vivendo com menos de um dólar por dia.

"Quando o preço do alimento explode, essas pessoas não podem comprar. Apesar da especulação ser algo legal, permitido pela lei, isso é um crime. Os especuladores deveriam ser julgados num tribunal internacional por crime contra a humanidade", denuncia Ziegler.

A política de agrocombustíveis, que, além de utilizar terras que poderiam produzir comida, transforma alimentos em combustível, é mais um agravante. "É inadmissível usar terras para fazer combustível em vez de alimentos em um mundo onde a cada cinco segundos uma pessoa morre de fome".

**Política da fome** - Ziegler afirma que não se pode naturalizar a fome, que é uma produção humana, criada pela sociedade desigual no capitalismo. Prova disso são as diversas políticas agrícolas praticadas tanto por empresas e subsidiadas por instituições nacionais e internacionais.

O dumping agrícola consiste em subsidiar alimentos importados em detrimento dos alimentos produzidos internamente. De acordo com Ziegler, os mercados africanos podem comprar alimentos vindos da Europa a 1/3 do preço dos produtos africanos. Os camponeses africanos, dessa forma, não conseguem produzir para se sustentar.

Ziegler denunciou o "roubo de terras", que é o aluguel ou compra de terras em um país por fundos privados e bancos internacionais, que ocorreu com mais de 202 mil hectares de áreas férteis na África, com crédito do Banco Mundial e de instituições financeiras da África.

Os camponeses, por conta desse processo, são expulsos das terras para favelas. Esse processo tem se intensificado uma vez que os preços dos alimentos aumentam com a especulação imobiliária.

O Banco Mundial justifica o roubo de terras com o argumento de que a produtividade do camponês africano é baixa até mesmo em um ano normal, com poucos problemas (o que raramente acontece).

Um hectare gera no máximo 600 kg por ano, enquanto que na Inglaterra ou Canadá, um hectare gera uma tonelada. Para o Banco Mundial, é mais razoável dar essa terra a uma multinacional capaz de investir capital e tecnologia e tirar o camponês de lá.

"Essa não é a solução. É preciso dar os meios de produção ao camponês africano. A irrigação é pouca, não há adubo animal ou mineral nem crédito agrícola, e a dívida externa dos países impedem que eles invistam na agricultura", defende Ziegler.

**Soluções** - Segundo Ziegler, a única forma de mudar as políticas que perpetuam a fome é por meio da mobilização e pressão popular.

"Temos que pressionar deputados e políticos para mudar a lei, impedindo que a especulação de alimentos continue. Devemos exigir dos ministros de finanças na assembleia do Fundo Monetário Internacional que votem pelo fim das dívidas externas. Temos que nos mobilizar para impedir o uso de agrocombustíveis e acabar com o dumping agrícola".

Ziegler afirma que a luta contra a fome é urgente, pois quem se encontra nessas condições não pode esperar. "Essa mobilização coletiva pode pressionar democraticamente e massivamente, por medidas que acabem com a fome. A consciência solidária deve movimentar a sociedade civil. A única coisa que nos separa das vítimas da fome é que elas tiveram o azar de nascer onde se passa fome".

O ex-relator especial para o Direito à Alimentação das Nações Unidas (ONU) veio ao Brasil lançar o livro "Destruição em Massa - Geopolítica da Fome" (Editora Cortez) e participar da 6ª edição do Seminário Anual de Serviço Social, que aconteceu no Teatro da Universidade Católica (TUCA).

**13 de maio de 2013.**

**Por José Coutinho Júnior. Da Página do MST.**

# Estudo introdutório ao modo de produção capitalista

Em obra intitulada "O Capital: Crítica da Economia Política", Karl Marx, destrincha o mundo capitalista. E eis, a seguir, algumas conclusões a que chega.

- Riqueza = "imensa acumulação de mercadorias".
- Mercadoria (M) é a forma elementar dessa riqueza.

## 1. Os dois fatores da mercadoria: valor de uso e valor.

-Mercadoria é algo que satisfaz uma necessidade humana (material ou espiritual) - tem valor de uso (substância). E é algo que, por sua utilidade, pode ser desejado (logo trocado) com outro alguém: M é algo que tem valor de troca (ou simplesmente valor).

- Mas, para que troquemos coisas diferentes (linho produzido pelo tecelão por casaco produzido pelo alfaiate) elas precisam ter algo em comum.

O que faz as mercadorias serem diferentes é o **trabalho concreto** do tecelão, do alfaiate, etc. que geram **valores de uso** diferentes.

Mas se as mercadorias são trocadas é porque elas têm algo em comum. E o que as mercadorias possuem em comum? Resposta: Serem todas elas produtos do **trabalho humano em geral** ou **trabalho abstrato**. Ou seja: todas resultam do desgaste de energia, músculos e nervos humanos.

E como se mede o trabalho abstrato? Por quantidade de trabalho.

E como se mede o trabalho? Por certa quantidade de tempo (dias, horas, minutos, segundos).

**Portanto:** Quanto mais quantidade de tempo um produto precisa para ser produzido mais valor ele retém ou incorpora.

*Mas, cuidado!* Isso é e não é assim. Pois o que dá valor a uma mercadoria é, a rigor, o tempo médio socialmente necessário para a sua produção.

Assim, na sociedade capitalista, vende mais quem produz mais dentro de uma mesma medida de tempo.

## 2. Mas, as trocas evoluem!

As trocas se operam dentro de uma dada equivalência. Assim:

$$20m \text{ de linho (2h)} = 1 \text{ casaco (2h)}$$

Já que, nesta quantidade, é que eles se igualam quanto à proporção de tempo necessário a sua produção (tempo de trabalho).

Historicamente, as trocas se desenvolveram do Escambo (M - M) até a forma Dinheiro (M - D - M). Esta forma aparece por conta da intensa divisão do trabalho e pelo aumento da intenção em se produzir não para o consumo próprio, mas para o mercado de troca. Eis as fases identificadas por Marx: 1) Forma simples do valor; 2) Forma total ou extensiva do valor; 3) Forma geral do valor; e 4) Forma Dinheiro do valor.

## 3. O fetichismo da mercadoria: seu segredo

Sobre este tema tão essencial, Marx afirma: "A mercadoria é misteriosa simplesmente por encobrir as características sociais do próprio trabalho dos homens". E continua: "Uma relação social definida, estabelecida entre os homens, assume a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas. Para encontrar um símile, temos de recorrer à região nebulosa da crença. Aí, os produtos do cérebro humano parecem dotados de vida própria, figuras autônomas que mantêm relações entre si e com os seres humanos. É o que ocorre com os produtos da mão humana, no

mundo das mercadorias. Chamo a isto de fetichismo, que está sempre grudado aos produtos do trabalho, quando são gerados como mercadorias. É inseparável da produção de mercadorias".

"(...) O valor não traz escrito na frente o que ele é. Longe disso, o valor transforma cada produto do trabalho num hieróglifo social. Mais tarde, os homens procuram decifrar o significado do hieróglifo, descobrir o segredo de sua própria criação social, pois a conversão dos objetos úteis em valores é, como a linguagem, um produto social dos homens".

E diz ainda: "Até hoje nenhum químico descobriu valor de troca em pérolas ou diamantes".

Este conceito de "fetichismo da mercadoria" explica situações tais como: 1) O indivíduo se sente promovido de classe social ao adquirir um rolex ou tênis de R\$ 1.000,00; 2) O indivíduo que compra uma moto de 1000 cilindradas e tira o silenciador e o capacete para que seja identificado como o "dono"; 3) qualquer mercadoria que adquiro com a esperança de curar meus "buracos no peito".

## 4. O processo de troca

M - D - M subdivide-se em duas vontades ou necessidades opostas:

$$M - D \text{ (vender)} \gg \text{ para } \gg D - M \text{ (comprar)},$$

Portanto: A lógica do **processo de troca** é vender para comprar.

O dinheiro serve, sobretudo, para fazer circular as mercadorias. Contudo, o dinheiro pode ser usado para outras finalidades, quais sejam: a) entesouramento; b) meio de pagamento; c) como dinheiro universal.

## 5. Como o dinheiro se transforma em capital

**Fórmula do capital:** D - M - D'. Aqui, o objetivo é bem diferente: é comprar para vender. Diferente do processo de troca comum, que corresponde à troca de valores de mesma magnitude, a troca aqui só serve se for desigual, pois nenhum comerciante compra uma mercadoria a R\$ 50 para vendê-la a R\$ 50. Para fazer sentido (e se tornar capital), há que rever para algo como: R\$ 50 - M - R\$ 75, onde R\$ 75 é D' (D inicial +  $\Delta D$  ou 50 + 25), garantindo um lucro de R\$ 25 (ou 50%).

Compra e venda da **força de trabalho** (FT).

A FT é a única mercadoria existente capaz de gerar mais valor (ou mais valia), pois que é o trabalhador (detentor da FT) a única força criadora, capaz de combinar o restante das forças produtivas (matérias-primas e ferramentas) dentro de um processo produtivo planejado. Burguesia x Proletariado.

FT (Força de Trabalho)

$$D - M \text{ ----- } P \text{ (produção)----- } P' - M' - D' \\ MP \text{ (objetos de trabalho + meios de trabalho)}$$

## 6. A produção da mais valia absoluta

Mais valia é a quantidade de tempo (ou produtos ou dinheiro) que o trabalhador produziu, mas que não foi pago pelo patrão, que deste se apropriou.

Exemplo:

$$\text{Jornada de Trabalho (JT)} = 8h$$

$$A \text{ ---- } B \text{ ---- } C \\ 4h \quad 4h$$

$$AB = \text{Tempo Necessário (para reprodução da vida; salário)} = 4h$$

$$BC = \text{Tempo Excedente (mais valia ou trabalho não pago)} = 4h$$

Para se produzir mais valia absoluta, basta estender a jornada (JT). Vide exemplo:

Jornada de Trabalho (JT) = 10h

A - - - - B - - - - - C  
4h 6h

AB = Tempo Necessário (para reprodução da vida; salário) = 4h

BC = Tempo Excedente (mais valia ou trabalho não pago) = 6h

IMPLICAÇÕES: Luta da classe operária pela redução da JT.

### 7. Capital Constante (c) e Capital Variável (v)

Capital Constante (c) - É o que foi gasto na compra de matérias-primas, ferramentas manuais e maquinário.

Capital Variável (v) - É o montante total usado no pagamento de salários.

Fórmula do Capital Inicial >>  $C = c + v$

Fórmula do Capital após a produção >>  $C = (c + v) + m$

### 8. Taxa de mais valia

Expressa o grau de exploração da força de trabalho (FT).

Eis a fórmula:

**Taxa de mais valia =  $m/v$**

**Taxa de mais valia =  $TE/TN$**

### 9. A produção da mais valia relativa

Se dá pela redução do TN (tempo necessário ao pagamento do salário) dentro da jornada de trabalho (JT) sem alterar a jornada de trabalho. Com isso, cresce relativamente o tempo excedente (a mais valia). A redução do TN se dá pelo aumento da produtividade (inserção de uma máquina mais complexa) ou da intensidade do trabalho (aumento do ritmo do trabalho). Efeito: Demissões de FT.

Exemplo:

Jornada de Trabalho (JT) = 8h

A - - B - - - - - C  
2h 6h

AB = Tempo Necessário (para reprodução da vida; salário) = 2h

BC = Tempo Excedente (mais valia ou trabalho não pago) = 6h

### 10. Acumulação do capital

Acumulação simples = D - M - D' ..... D - M - D'...

Acumulação ampliada = D - M - D' ..... D' - M - D'...

### 11. Lei Geral da Acumulação Capitalista

<b>Burguesia</b>	<b>x</b>	<b>Proletariado</b>
(mais rica)		(mais pobre)
(menos gente)		(mais gente)

### 12. Acumulação Primitiva de Capital

É o processo de acumulação ilícito necessário à formação de capital inicial (dinheiro) que vai garantir a Revolução Industrial inglesa, francesa e assim por diante. Eis alguns dos mecanismos criminosos adotados neste processo primitivo: 1) Contrabando; 2) Pirataria, roubos e assaltos; 3) Colonização; 4) Comércio de escravos; 5) Escravidão; 6) Guerras de pilhagem; 7) Superexploração assalariada; 8) Inflação.

### 12. Composição Orgânica do Capital (COC)

É a relação entre o capital constante (c) e o capital variável (v) e se expressa na fórmula:  $COC = c/v$ .

Quanto maior a quantidade de capital constante (máquinas, tecnologias e matérias-primas) investido na produção, maior será a Composição Orgânica do Capital.

Exemplo 1:  $COC = 1/10$  (baixa COC)

Exemplo 2:  $COC = 20/20$  (média COC)

Exemplo 3:  $COC = 100/10$  (alta COC)

### 13. Tendência decrescente da Taxa de Lucro

A razão que existe entre a mais valia e a totalidade do capital chama-se Taxa de Lucro. Ela pode ser expressa de duas formas, já que  $C = c + v$ .

Taxa de Lucro =  $m/C$

Taxa de Lucro =  $m/c+v$

Diante da forte concorrência entre os capitalistas e o processo de globalização desta concorrência, qualquer capitalista é levado a incrementar seus gastos com maquinaria (capital constante), elevando o grau de COC de sua indústria. Contudo, quanto mais faz isso, mais aumenta a sua produtividade e a capacidade criativa de sua indústria (exemplo: a robotização na indústria Toyota). Contudo, mais mercadorias produzidas pedem mais vendas.

Mas, atenção! A Lei Geral da Acumulação aumenta a pobreza no mundo. Isso força a obsolescência programada (produtos mais baratos e mais vagabundos) e o necessário sacrifício da natureza (via extração de recursos) e dos seres humanos.

### 14. Conclusão

Este foi um resumo abrangendo alguns aspectos que considero mais essenciais de "O Capital", de Karl Marx.

À guisa de conclusão, podemos observar o quanto Marx põe a nu os "mecanismos" de funcionamento do sistema capitalista. Mostra como o capital é refém de sua própria dinâmica, que parece reiniciar-se a cada crise, mas num grau de intensidade sempre crescente, sacrificante e inedito.

Marx, no livro 3, após demonstrar a tendência decrescente (e fatal, diria) da Taxa de Lucro, passa a estudar a dependência crescente do sistema para com o crédito, os bancos e o sistema financeiro.

A tendência de queda da Taxa de Lucro é também a tendência ao sacrifício social, sobretudo do proletariado internacional, através da superexploração, das guerras sem ética, da quebra das leis naturais, sociais e individuais, da eliminação de direitos que se expressam pelo abuso de autoridade e na posse direta das funções de todo e qualquer tipo de Estado, numa autofagia sem limites.

(Texto de Renato Fialho Jr.)

# Elon Musk e Stephen Hawking pretendem salvar o mundo de robôs assassinos

Publicado em: 27/07/15 em [www.rt.com](http://www.rt.com)

Más de 1.000 especialistas e investigadores líderes em robótica assinaram uma carta aberta que alerta sobre os perigos de uma 'corrida armamentista de inteligência artificial militar' e pede a proibição das 'armas autônomas ofensivas'.

'A tecnologia da inteligência artificial chegou a um ponto em que o deslocamento de [armas autônomas] é –praticamente se não legalmente– factível em um prazo de poucos anos, não décadas, e há muito em jogo aí: as armas autônomas são descritas como a terceira revolução na guerra depois da pólvora e das armas nucleares', afirma uma carta aberta assinada por mais de 1.000 investigadores, cientistas e acadêmicos, informa 'The Guardian'.

O escrito foi publicado no marco da Conferência Internacional de Inteligência Artificial de Buenos Aires (Argentina) e entre seus signatários se encontram o físico Stephen Hawking, Elon Musk (diretor executivo da SpaceX, Tesla Motor e criador do Hyperloop), o co-fundador da Apple Steve Wozniak e o linguista Noam Chomsky.

Os especialistas que apoiam o documento sustentam que a inteligência artificial pode ser utilizada para fazer do campo de batalha um lugar mais seguro para o pessoal militar, mas também consideram que as armas autônomas ofensivas reduziriam o número de soldados na guerra e dariam lugar a uma maior perda de vidas humanas (civis). Além disso, destacam que, diferentemente das armas nucleares, as autônomas não são tão caras de fabricar nem necessitam de materiais difíceis de encontrar, 'assim se converterão em algo muito fácil de se produzir em massa por qualquer poder militar'.

'O ponto final desta trajetória tecnológica é óbvia: as armas autônomas se converterão nas kalashnikov do amanhã (...) é só uma questão de tempo para que apareçam no mercado negro e caiam em mãos de terroristas, ditadores que anseiam por um maior controle da população ou acabem nas mãos dos senhores da guerra desejosos de perpetrar limpezas étnicas', sentencia o informe.

Anteriormente, Hawking havia declarado que o 'desenvolvimento de uma inteligência totalmente artificial poderia levar ao fim da espécie humana'. Já Musk defende que devemos 'ter muito cuidado', pois que com ela 'estamos invocando o demônio'.

## Devemos temer o capitalismo e não os robôs, segundo Stephen Hawking

O físico Stephen Hawking, que dispensa apresentações, deu ontem uma entrevista ao site coletivo Reddit.

Um dos participantes da entrevista coletiva perguntou sobre a possibilidade de desemprego em massa diante de uma produção automatizada crescente.

A resposta foi a seguinte:

*"Se as máquinas produzirem tudo de que precisamos, o resultado vai depender de como as coisas são distribuídas. Todos podem desfrutar de uma vida de luxuoso lazer se a riqueza produzida pelas máquinas for compartilhada. Ou a maioria das pessoas pode acabar miseravelmente pobre se os donos das máquinas se posicionarem com sucesso contra a redistribuição da riqueza. Até agora, a tendência parece apontar para a segunda opção, com a tecnologia conduzindo para uma desigualdade cada vez maior".*

Fonte: Huffington Post.

O editor de negócios do Huffington Post, Alexander C. Kaufman, autor do post original, complementa:

*"Essencialmente, os proprietários das máquinas vão se tornar a burguesia de uma nova era, em que as corporações que eles possuem não irão fornecer empregos para trabalhadores humanos.*

*Desse modo, o abismo entre os super-ricos e o restante está crescendo. Para iniciantes, o capital – como ações ou propriedades – acumula valor em um ritmo muito mais rápido do que a economia real cresce, de acordo com o economista francês Thomas Piketty. A riqueza dos ricos se multiplica mais rápido do que os salários aumentam e a classe trabalhadora nunca poderá acompanhar.*

*Mas se Hawking está certo, o problema não será recuperar o atraso. Vai ser uma luta até mesmo avançar um centímetro além da linha de partida".*

Fonte: <http://www.gazetadopovo.com.br/blogs/o-transgressor/devemos-temer-o-capitalismo-e-nao-os-robos-segundo-stephen-hawking/>

# A ascensão do capitalismo do desastre

por Naomi Klein [\\*](#)

No verão passado, na modorra do mês de Agosto, a doutrina bushiana da guerra preventiva deu um grande salto para a frente. No dia 5 de Agosto de 2004, a Casa Branca criou o Gabinete do Coordenador para a Reconstrução e Estabilização (*Office of the Coordinator for Reconstruction and Stabilization*), encabeçado pelo antigo embaixador dos EUA na Ucrânia, Carlos Pascual. O seu mandato é rascunhar elaborados planos "pós-conflito" para mais de 25 países que não estão, ainda, em conflito. Segundo Pascual, o gabinete será capaz de coordenar até três operações de reconstrução em plena escala em diferentes continentes e "em simultâneo", cada uma delas perdurando "cinco a sete anos".

Assim, de modo adequado, um governo dedicado à perpétua desconstrução preventiva tem agora um gabinete dedicado à perpétua reconstrução preventiva.

Já estão longe os dias em que se aguardava as guerras acontecerem para então elaborar planos a fim de consertar os estragos. Em estreita cooperação com o *National Intelligence Council*, o gabinete de Pascual mantém os países "de alto risco" numa "lista de observação" e reúne equipes de resposta rápida prontas para se empenharem no planejamento pré-guerra e para se "mobilizarem e instalarem rapidamente" depois de o conflito ter acabado. As equipes são constituídas por companhias privadas, organizações não governamentais e membros de *think tanks*. Algumas delas, disse Pascual numa audiência do *Center for Strategic and International Studies* (CSIS) em Outubro último, terão contratos "pré-completados" para reconstruir países que ainda não estão fraturados. Fazer este trabalho administrativo previamente poderia "cortar de três a seis meses no tempo de resposta".

Os planos que as equipes de Pascual estão a elaborar no seu pouco conhecido gabinete no Departamento de Estado referem-se à mudança "do próprio tecido social de uma nação", afirmou ele à CSIS. O mandato do gabinete não é reconstruir qualquer dos antigos Estados, reparem, mas criar outros "democráticos e voltados ao mercado". Assim, por exemplo (e ele estava apenas a extrair esse exemplo de sua cartola, não há dúvida), os seus reconstrutores de

atuação rápida podem ajudar a vender "empresas estatais que criaram uma economia não viável". Por vezes, explicou, "reconstruir significa dilacerar o velho".

Poucos ideólogos podem resistir à atração de um quadro em branco – que foi a promessa sedutora do colonialismo: "descobrir" novas e vastas terras onde a utopia parecia possível. Mas o colonialismo está morto, ou assim nos dizem: não há lugares novos a serem descobertos, nenhuma terra vaga (e, de fato, nunca houve), nenhuma página em branco sobre as quais, como outrora Mao disse, "as mais novas e mais belas palavras possam ser escritas". Há, entretanto, destruição de sobra — países esmagados até às ruínas, seja pelos chamados "Atos de Deus" ou pelos Atos do Bush (sob as ordens de Deus). E onde há destruição há reconstrução, uma oportunidade de agarrar a "terrível aridez", como um funcionário das Nações Unidas recentemente descreveu a devastação em Aceh, e preenchê-la com os planos mais belos e perfeitos.

"Costumávamos ter colonialismo vulgar", afirma Shalmali Guttal, investigador em Bangalore do *Focus on the Global South*. "Agora, temos um colonialismo refinado, e eles chamam a isto 'reconstrução'".

Parece que porções cada vez maiores do globo estão sob reconstrução ativa: a serem reconstruídas por um governo paralelo constituído por uma casta familiar de firmas de consultoria com fins lucrativos, companhias de engenharia, mega-ONGs, agências governamentais e de ajuda da ONU e instituições financeiras internacionais. E, das pessoas a viverem nesses sítios de reconstrução (a população pobre) — do Iraque ao Aceh, do Afeganistão ao Haiti — levanta-se um coro similar de queixas. O trabalho é demasiado lento, se é que está a haver algum trabalho. Consultores estrangeiros desfrutam uma boa vida, graças a contratos fixos com o pagamento das despesas extras, ao passo que os habitantes locais são excluídos dos tão necessários empregos, treinamentos e tomadas de decisão. Peritos "construtores da democracia" ensinam os governos sobre a importância da transparência e da "boa governação"; mas a maior parte dos empreiteiros contratados e das ONGs recusa-se a abrir a sua contabilidade àqueles mesmos governos, e muito menos a dar-lhes o controle sobre como é gasto o dinheiro da sua ajuda.



Três meses depois de o tsunami ter assolado o Aceh, o *New York Times* publicou um texto aflitivo a relatar que "quase nada parece ter sido feito para começar os reparos e a reconstrução". O mesmo relato poderia igualmente ter vindo do Iraque, onde, segundo relato recente do *Los Angeles Times*, todas as instalações de água reconstruídas pela Bechtel já começaram a decompor-se, mais uma coisa na infinita litania de estragos nas reconstruções. Mas poderia ter procedido igualmente do Afeganistão, onde o presidente Hamid Karzai recentemente denunciou empreiteiros estrangeiros como "corruptos, esbanjadores e irresponsáveis", por "dissiparem os preciosos recursos que o Afeganistão recebeu como ajuda". Ou do Sri Lanka, onde 600 mil pessoas que perderam os seus lares com o tsunami ainda estão a vegetar em acampamentos temporários. Cem dias depois do ataque das ondas gigantes, Herman Kumara, dirigente do movimento National Fisheries Solidarity Movement, de Negombo, Sri Lanka, enviou um e-mail desesperado a colegas em todo o mundo: "Os fundos recebidos para benefício das vítimas são dirigidos a uns poucos privilegiados, não para as vítimas reais", escreveu ele. "Nossas vozes não são ouvidas e não permitem que elas sejam divulgadas."

Mas se a indústria da reconstrução é impressionantemente inepta na reconstrução isso pode ser devido ao fato de que a reconstrução não é o seu propósito primário. Segundo Guttal, "não se trata de reconstrução alguma e sim de remodelar tudo". As histórias de corrupção e incompetência servem para mascarar esse escândalo mais profundo: a ascensão de uma forma predatória de **capitalismo do desastre** que utiliza o desespero e o medo criados pela catástrofe para lançar uma engenharia social e econômica radical. E, nesta frente, a indústria da reconstrução trabalha tão rápida e eficientemente que as privatizações e a captura de terras habitualmente já estão consumadas antes de a população local saber do golpe que a atingiu. Kumara, em outro e-mail, adverte que agora o Sri Lanka está a enfrentar "um segundo tsunami, o da globalização corporativa e da militarização", potencialmente ainda mais devastador do que o primeiro. "Vemos isso como um plano de ação em meio à crise do tsunami para entregar o mar e a costa a corporações estrangeiras e ao turismo, com a assistência militar dos Marines dos EUA."

O vice-secretário da Defesa, Paul Wolfowitz, concebeu e supervisionou um projeto de espantosa semelhança no Iraque: Os incêndios ainda devastavam Bagdá quando responsáveis americanos pela ocupação reescreviam as leis de investimentos e anunciavam que as companhias estatais do país seriam privatizadas. Alguns destacaram este

cadastro para argumentar que Wolfowitz seria inadequado para conduzir o Banco Mundial. Na verdade, nada poderia tê-lo preparado melhor para o novo emprego. No Iraque, Wolfowitz estava simplesmente a executar aquilo que o Banco Mundial já fazia em praticamente todos os países do mundo devastados por guerras ou por desastres – embora com menos delicadezas burocráticas e mais bravatas ideológicas.

Atualmente os países "pós-conflito" recebem 20 a 25 por cento do total de empréstimos do Banco Mundial, um nível 16% superior ao de 1998, o qual já era 800% superior ao de 1980, segundo estudo do Serviço de Investigação do Congresso. A resposta rápida às guerras e aos desastres naturais tradicionalmente tem sido da competência das agências da ONU, as quais trabalhavam com as ONGs para proporcionar ajuda de emergência, construir habitações temporárias e tudo o mais. Mas agora os trabalhos de reconstrução revelaram-se uma indústria tremendamente lucrativa, demasiado importante para ser deixada aos milagreiros da ONU. Desse modo, hoje é ao Banco Mundial, já dedicado ao princípio de aliviar a pobreza através da criação do lucro, que cabe a liderança do processo.

E não há dúvida de que há lucros a serem feitos nos negócios de reconstrução. Há enormes contratos de engenharia e abastecimento (10 bilhões de dólares para a Halliburton, só no Iraque e no Afeganistão); a "construção da democracia" explodiu numa indústria de 2 bilhões de dólares e nunca houve um tempo melhor para os consultores do setor público — as empresas privadas que assessoram os governos a venderem os seus ativos, empresas essas que muitas vezes administram as próprias agências governamentais como subcontratadas (a Bearing Point, a mais favorecida dessas empresas nos EUA, relatou que as receitas da sua divisão de "serviços públicos quadruplicou em apenas cinco anos", e os lucros são enormes: US\$342 milhões, em 2002 – uma margem de lucro de 35%).

Mas, países estilhaçados são atraentes para o Banco Mundial também por outra razão: eles acatam as ordens docilmente. Após um evento cataclísmico, os governos habitualmente fazem seja o que for para obter ajuda em dólares — mesmo se isso significa assumir dívidas enormes e concordar com políticas de reformas arrasadoras. E com a população local a lutar para obter abrigo e comida, a organização política contra a privatização pode parecer um luxo inimaginável.

Melhor ainda na perspectiva do Banco: muitos países arrasados pela guerra estão em estado de "soberania limitada". Eles são considerados demasiado instáveis e não



qualificados para administrar o dinheiro da ajuda nele despejado. Assim, muitas vezes esses fundos são colocados num fundo fiduciário (*trust fund*) administrado pelo Banco Mundial. Foi o caso em Timor Leste, onde o Banco dá esmolas ao governo na medida em que ele mostrar que gasta com responsabilidade. Aparentemente, isso significa cortar empregos do setor público (o governo de Timor tem agora a metade da dimensão que tinha sob a ocupação indonésia), mas quantias abundantes da ajuda monetária são despendidas com consultores estrangeiros, os quais o Banco insiste em contratar (o investigador Ben Moxham escreve: "Num departamento governamental, um único consultor internacional ganha em um mês o mesmo que ganham juntos vinte dos seus colegas timorenses durante um ano inteiro").

No Afeganistão, onde o Banco Mundial também administra a ajuda ao país através de um fundo fiduciário, a instituição já conseguiu privatizar os cuidados de saúde, recusando-se a conceder fundos ao Ministério da Saúde para a construção de hospitais. Ao invés disso, este encaminha o dinheiro diretamente para as ONGs que administram as suas próprias clínicas privadas, com contratos de três anos. O Banco Mundial também impôs "um papel acrescido para o setor privado" nos sistemas de águas, telecomunicações, petróleo, gás e mineração, e ordenou ao governo que "se retirasse" do setor da eletricidade e que o deixasse para "investidores privados estrangeiros". Essas profundas transformações na sociedade afegã nunca foram debatidas ou relatadas, até porque poucas pessoas de fora do Banco souberam o que estava a acontecer: As mudanças foram enterradas bem fundo, num "anexo técnico" do contrato de uma doação de fundos para ajuda "de emergência" às infraestruturas destruídas do Afeganistão – dois anos antes de o país ter um governo eleito.

O mesmo se passou no Haiti, após a derrubada do presidente Jean-Bertrand Aristide. Em troca de um empréstimo de US\$ 61 milhões, o banco está a exigir "parceria público-privada e gestão nos setores da educação e da saúde", segundo os documentos do Banco — ou seja, que as companhias privadas administrem as escolas e os hospitais. Roger Noriega, ao secretário de Estado Assistente dos EUA para os Negócios do Hemisfério Ocidental, deixou claro que o governo Bush compartilha esses objetivos: "Também encorajaremos que o governo do Haiti avance, no momento apropriado, com a reestruturação e a privatização de algumas empresas públicas", disse ele ao American Enterprise Institute em 14 de Abril de 2004.

Trata-se de planos extremamente controversos num país com uma base estatal e o Banco admite que é precisamente por essa razão que está a pressioná-lo agora, com o Haiti sob um regime quase militar. "O Governo de Transição proporciona uma janela de oportunidade para a implementação de reformas de governação económica... que dificilmente poderão ser desfeitas por um próximo governo", observa o banco no seu acordo do Economic Governance Reform Operation. Para os haitianos isto é uma ironia particularmente amarga: Muitos culpam as instituições multilaterais, incluindo o Banco Mundial, pelo aprofundamento da crise política que levou à deposição de Aristide, pela retenção de centenas de milhões dos empréstimos prometidos. Na época, o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), sob a pressão do Departamento de Estado, afirmou que o Haiti era insuficientemente democrático para receber o dinheiro, apontando pequenas irregularidades verificadas numa eleição legislativa. Mas agora que Aristide está deposto, o Banco Mundial está a celebrar abertamente os bônus de operar numa zona livre de democracia.

O Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional têm estado a impor terapias de choque a países sob vários estados de choque ao longo de pelo menos três décadas, sobretudo após golpes militares na América Latina e o colapso da União Soviética. Ainda que muitos observadores digam que os desastres do capitalismo de hoje realmente ultrapassem os do Furacão Mitch. Em Outubro de 1998, durante uma semana, o furacão estacionou na América Central, engolindo aldeias inteiras e matando mais de 9.000 pessoas. Países já empobrecidos estavam desesperados por ajuda para a reconstrução — e ela veio, mas com cadeias impostas. Nos dois meses após o golpe do Mitch, com o país ainda de joelhos em meio a ruínas, cadáveres e lama, o congresso de Honduras iniciou o que o *Financial Times* chamou de "liquidação veloz depois da tempestade", aprovando leis que permitiam a privatização dos aeroportos, portos e rodovias, além de planos urgentes para privatizar a companhia telefônica estatal, a companhia elétrica nacional e partes do setor das águas. Anulou leis de reforma agrária e facilitou a compra e venda de propriedades para os estrangeiros. O mesmo aconteceu nos países vizinhos: Durante estes mesmos dois meses, a Guatemala anunciou planos para liquidar com o seu sistema telefônico, e a Nicarágua fez outro tanto, juntamente com a sua companhia de eletricidade e o seu setor de petróleo.

Todos os planos de privatização foram pressionados agressivamente pelos suspeitos habituais. Segundo o *Wall Street Journal*, "o Banco Mundial e o Fundo Monetário

Internacional lançaram todo o seu peso para a venda da Telecom, fazendo disto uma condição para libertar cerca de US\$ 47 milhões de ajuda anual, por um período de três anos, e ligando-a a cerca de US\$ 4,4 mil milhões de alívio para a dívida externa da Nicarágua".

Agora, o Banco está a usar o tsunami de 26 de dezembro para pressionar pelas suas políticas predadoras. Os países mais devastados quase não viram alívio para a dívida, e a maior parte da ajuda de emergência do Banco Mundial veio sob a forma de empréstimos, não de doações. Ao invés de enfatizar a necessidade de ajudar as pequenas comunidades de pescadores – mais de 80 por cento das vítimas da onda – o banco está pressionando pela expansão do setor turístico e pela pesca industrial. Quanto às infraestruturas públicas danificadas, como estradas ou escolas, os documentos do Banco reconhecem que reconstruí-los poderá "exigir forçar as finanças públicas", e sugere que os governos considerem a privatização (sim, eles só têm uma ideia). "Para certos investimentos", observa o plano de resposta do Banco ao tsunami, "poderá ser apropriado utilizar financiamentos privados".

Tal como em outros sítios de reconstrução, desde o Haiti até o Iraque, a ajuda ao tsunami pouco tem a ver com a recuperação do que foi perdido. Embora os hotéis e a indústria na costa tenham já começado a reconstrução, no Sri Lanka, na Tailândia, na Indonésia e na Índia, os governos aprovaram leis impedindo as famílias de reconstruírem suas casas frente ao oceano. Em Aceh, centenas de milhares de pessoas estão a ser transferidas à força para o interior, e instaladas em quartéis de estilo militar, e no caso da Tailândia em caixas pré-fabricadas. A costa não está a ser reconstruída como era – salpicada de aldeias de pescadores e praias com redes de pesca feitas à mão espalhadas entre umas e outras. Ao invés disso, os governos, as corporações e os doadores estrangeiros estão a agrupar-se para reconstruir a costa da forma tal como gostariam que realmente fosse: praias com campos de jogos para turistas, oceanos como minas aquáticas para frotas pesqueiras das corporações indústria corporativa da pesca, tudo servido por aeroportos privatizados e rodovias construídas com o dinheiro emprestado.

Em Janeiro último, Condoleezza Rice desencadeou uma pequena controvérsia ao descrever o tsunami como "uma oportunidade maravilhosa" que "nos pagou altos dividendos". Muitos ficaram horrorizados com a ideia de tratar uma tragédia humana maciça como uma oportunidade para extrair lucros. Mas, de qualquer forma, Rice mostrou estar subestimando o caso. Um grupo autodenominado

Sobreviventes e Apoiantes do Tsunami da Tailândia afirma que: "para homens de negócios e políticos, o tsunami foi a resposta às suas orações, uma vez que literalmente varreu as áreas costeiras deixando-as limpas de comunidades que anteriormente impediam a realização de seus planos para a construção de balneários, hotéis, cassinos e instalações para a criação de camarões. Para eles, todas essas áreas costeiras são hoje terra aberta!"

O desastre, parece, é a nova *terra nullius*.

---

[\*] Autora de *No Logo: Taking Aim at the Brand Bullies*, traduzido em 25 línguas, e de *Fences and Windows: Dispatches from the Front Lines of the Globalization Debate* (2002).

O original encontra-se em:

<http://www.thenation.com/doc.mhtml?i=20050502&s=klein>

Tradução de JF para <http://resistir.info/>. Adaptada ao português do Brasil por RFJ.

# Quanto mais presos, maior o lucro

Por Paula Sacchetta

Em janeiro do ano passado (2013), assistimos ao anúncio da inauguração da "primeira penitenciária privada do país", em Ribeirão das Neves, região metropolitana de Belo Horizonte, Minas Gerais. Porém, prisões "terceirizadas" já existem em pelo menos outras 22 localidades, a diferença é que esta de Ribeirão das Neves é uma PPP (parceria público-privada) desde sua licitação e projeto, e as outras eram unidades públicas que em algum momento passaram para as mãos de uma administração privada. Na prática, o modelo de Ribeirão das Neves cria penitenciárias privadas de fato, nos outros casos, a gestão ou determinados serviços são terceirizados, como a saúde dos presos e a alimentação.

Hoje existem no mundo aproximadamente 200 presídios privados, sendo metade deles nos Estados Unidos. O modelo começou a ser implantado naquele país ainda nos anos 1980, no governo Ronald Reagan, seguindo a lógica de aumentar o encarceramento e reduzir os custos, e hoje atende a 7% da população carcerária. O modelo também é bastante difundido na Inglaterra – lá implantado por Margareth Thatcher – e foi fonte de inspiração da PPP de Minas, segundo o governador do estado Antônio Anastasia. Em Ribeirão das Neves o contrato da PPP foi assinado em 2009, na gestão do então governador Aécio Neves.

O slogan do complexo penitenciário de Ribeirão das Neves é "menor custo e maior eficiência", mas especialistas questionam sobretudo o que é tido como "eficiência". Para Robson Sávio, coordenador do Núcleo de Estudos Sociopolíticos (Nesp) da PUC-Minas e membro do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, essa eficiência pode caracterizar um aumento das prisões ou uma ressocialização de fato do preso. E ele acredita que a privatização tende para o primeiro caso. Entre as vantagens anunciadas está, também, a melhoria na qualidade de atendimento ao preso e na infraestrutura dos presídios.

Bruno Shimizu e Patrick Lemos Cacicedo, coordenadores do Núcleo de Situação Carcerária da Defensoria Pública de São Paulo questionam a legalidade do modelo. Para Bruno "do ponto de vista da Constituição Federal, a privatização das penitenciárias é uma excrescência", totalmente inconstitucional, afirma, já que o poder punitivo do Estado não é delegável. "Acontece que o que tem impulsionado isso é um argumento político e muito bem construído. Primeiro se sucateou o sistema penitenciário durante muito tempo, como foi feito durante todo um período de privatizações, (...) para que então

se atingisse uma argumentação que justificasse que esses serviços fossem entregues à iniciativa privada", completa.

Laurindo Minhoto, professor de sociologia na USP e autor de Privatização de presídios e criminalidade, afirma que o Estado está delegando sua função mais primitiva, seu poder punitivo e o monopólio da violência. O Estado, sucateado e sobretudo saturado, assume sua ineficiência e transfere sua função mais básica para empresas que podem realizar o serviço de forma mais "prática". E essa forma se dá através da obtenção de lucro.

Patrick afirma que o maior perigo desse modelo é o encarceramento em massa. Em um país como o Brasil, com mais de 550 mil presos, quarto lugar no ranking dos países com maior população carcerária do mundo e que em 20 anos (1992-2012) aumentou essa população em 380%, segundo dados do DEPEN, só tende a encarcerar mais e mais. Nos Estados Unidos, explica, o que ocorreu com a privatização desse setor foi um lobby fortíssimo pelo endurecimento das penas e uma repressão policial ainda mais ostensiva. Ou seja, começou a se prender mais e o tempo de permanência na prisão só aumentou. Hoje, as penitenciárias privadas nos EUA são um negócio bilionário que apenas no ano de 2005 movimentou quase 37 bilhões de dólares.

## Como os presídios privados lucram

Nos documentos da PPP de Neves disponíveis no site do governo de Minas Gerais, fala-se inclusive no "retorno ao investidor", afinal, são empresas que passaram a cuidar do preso e empresas buscam o lucro. Mas como se dá esse retorno? Como se dá esse lucro?

Um preso "custa" aproximadamente R\$ 1.300,00 por mês, podendo variar até R\$ 1.700,00, conforme o estado, numa penitenciária pública. Na PPP de Neves, o consórcio de empresas recebe do governo estadual R\$ 2.700,00 reais por preso por mês e tem a concessão do presídio por 27 anos, prorrogáveis por 35. Hamilton Mitre, diretor de operações do Gestores Prisionais Associados (GPA), o consórcio de empresas que ganhou a licitação, explica que o pagamento do investimento inicial na construção do presídio se dá gradualmente, dissolvido ao longo dos anos no repasse do estado. E o lucro também. Mitre insiste que com o investimento de R\$ 280 milhões – total gasto até agora – na construção do complexo esse "payback", ou retorno financeiro, só vem depois de alguns anos de funcionamento ou "pleno voo", como gosta de dizer.

Especialistas, porém, afirmam que o lucro se dá sobretudo no corte de gastos nas unidades. José de Jesus Filho, assessor jurídico da Pastoral Carcerária, explica: "entraram as empresas ligadas às privatizações das estradas, porque elas são capazes de reduzir custos onde o Estado não reduzia. Então ela [a

empresa] ganha por aí e ganha muito mais, pois além de reduzir custos, percebeu, no sistema prisional, uma possibilidade de transformar o preso em fonte de lucro”.

Para Shimizu, em um país como o Brasil, "que tem uma das mais altas cargas tributárias do mundo", não faz sentido cortar os gastos da população que é "justamente a mais vulnerável e a que menos goza de serviços públicos". No complexo de Neves, os presos têm 3 minutos para tomar banho e os que trabalham, 3 minutos e meio. Detentos denunciaram que a água de dentro das celas chega a ser cortada durante algumas horas do dia.

### O cúmulo da privatização

Outra crítica comum entre os entrevistados foi o fato de o próprio GPA oferecer assistência jurídica aos detentos. No marketing do complexo, essa é uma das bandeiras: "assistência médica, odontológica e jurídica". Para Patrick, a função é constitucionalmente reservada à Defensoria, que presta assistência gratuita a pessoas que não podem pagar um advogado de confiança. "Diante de uma situação de tortura ou de violação de direitos, essa pessoa vai buscar um advogado contratado pela empresa A para demandar contra a empresa A. Evidentemente isso tudo está arquitetado de uma forma muito perversa", alerta.

Segundo ele, interessa ao consórcio que, além de haver cada dia mais presos, os que já estão lá sejam mantidos por mais tempo. Uma das cláusulas do contrato da PPP de Neves estabelece como uma das "obrigações do poder público" a garantia "de demanda mínima de 90% da capacidade do complexo penal, durante o contrato". Ou seja, durante os 27 anos do contrato pelo menos 90% das 3336 vagas devem estar sempre ocupadas. A lógica é a seguinte: se o país mudar muito em três décadas, parar de encarcerar e tiver cada dia menos presos, pessoas terão de ser presas para cumprir a cota estabelecida entre o Estado e seu parceiro privado. "Dentro de uma lógica da cidadania, você devia pensar sempre na possibilidade de se ter menos presos e o que acontece ali é exatamente o contrário", afirma Robson Sávio.

Para ele, "na verdade não se está preocupado com o que vai acontecer depois, se está preocupado com a manutenção do sistema funcionando, e para ele funcionar tem que ter 90% de lotação, porque senão ele não dá lucro”.

Fonte: Adital. Publicado em 30/05/14.

Quanto mais presos, maior o lucro -Parte I.

<http://site.adital.com.br/site/noticia.php?lang=PT&cod=8084>

## Quanto gasta o mundo com armas e guerras?

Segundo os últimos dados, o gasto militar dos Estados Unidos alcançou em 2012 os 682 bilhões de dólares (39% do gasto mundial), e isso apesar da redução de seu orçamento de defesa em cerca de 40 bilhões de dólares.

O Instituto Internacional para a Investigação da Paz de Estocolmo (SIPRI, por sua sigla em inglês), dedicado à investigação dos conflitos, das armas, de seu controle e desarmamento, mostra em seu último anuário uma lista dos países que tem mais gastos militares em 2012.

A segunda colocação depois dos Estados Unidos, ainda que a uma distância significativa, é ocupada pela China (166 bilhões), seguido pela Rússia (90,7 bilhões), Reino Unido (60,8 bilhões) e Japão (59,3 bilhões). O sexto na lista é a França (58,9 bi), e na continuação figuram Arábia Saudita, Índia, Alemanha e Itália. Brasil, Coreia do Sul, Austrália, Canadá e Turquia completam o 'Top 15'.

Segundo o informe, o gasto militar mundial total se situou em 1,75 trilhão de dólares em 2012, diminuindo 0,5% em termos reais desde 2011. Esta queda – a primeira desde 1998 – se deveu aos importantes cortes de gastos pela crise econômica que se produziu nos EUA e na Europa, onde 18 dos 31 países da União Europeia ou da OTAN reduziram o gasto militar em mais de 10%, assim como na Austrália, Canadá e Japão.

No que concerne ao armamento nuclear, de acordo com o instituto SIPRI, no mundo há cerca de 8.400 ogivas nucleares, das quais 2.000 poderão ser usadas imediatamente.

No total, contando as cabeças que estão armazenadas à espera de ser destruídas nos arsenais das potências nucleares – EUA, Rússia, China, Grã-Bretanha, França, Índia, Paquistão e Israel – existem cerca de 23.300 bombas nucleares.

Fonte: <http://actualidad.rt.com/actualidad/view/101774-mundo-gastar-armas-guerras-eeuu>